

Multirreferencialidade na formação do professor-pesquisador: da conformidade à complexidade

de: Sérgio da Costa Borba

Maceió: EdUFAL, 2001. 192 p. ISBN 85-7177-105-7

E-mail: scborba@uol.com.br

Em 1997, quando da primeira edição do livro de Sérgio Borba, “Multirreferencialidade na formação do professor-pesquisador: da conformidade à complexidade”, entre outras coisas, escrevi como se encontra a seguir. Dizia:

“Espero que o leitor chegue ao final deste prefácio envolvido, no mínimo, com as questões e, principalmente, com o enfoque que Sérgio da Costa Borba dá ao seu trabalho sobre a formação do professor, numa perspectiva dinâmica e complexa em que procura se opor ao sentimento de paralisação que toma conta do professor da escola pública.

A questão principal para a educação brasileira, em se tratando de formação é como despertar nossos alunos para a capacidade própria de criação, de instituinte da própria história. É comum encontrarmos alunos, nos últimos semestres do curso de Pedagogia, com visível desânimo, descrédito e incapacidade de reação perante o fazer educativo. Este quadro não difere daquele em que se vê atolado o professor, principalmente, o da escola pública de primeiro e segundo graus.

Para aqueles que já se encontram desesperançados diante do duro trabalho cotidiano nas escolas, o ânimo viria de quem, recém formado, chega ao trabalho com “sangue novo” após quatro anos de estudos das teorias mais recentes sobre Educação, além de longo processo de formação humana e científica para atividade pedagógica. Destes, sim, seria possível esperar uma idéia nova, uma forma nova no jeito de pensar e de agir... Mas se estes, vistos de dentro, ainda no Curso de Pedagogia, apresentam o mesmo desânimo, a mesma reificação de uma teoria também reificada, como ficamos?

Partindo do princípio de que os professores se constituem no melhor caminho para a reconquista da escola, haverá saída para nossa realidade escolar brasileira? Será que estamos condenados a uma mesmice enfadonha, circular?

Penso que uma nova realidade se delinea para o conjunto da sociedade brasileira e particularmente para a escola. Faz-se presente a necessidade de o professor se voltar para uma “politização” da vida nos seus múltiplos aspectos, não só no econômico e no político partidário.

Esta lição eu aprendi com os professores das escolas de primeiro e segundo graus do Estado de Mato Grosso na luta pela sobrevivência. Neste sentido de volta, visto do ângulo do cidadão, é possível retomar a dignidade de ser professor ao conscientizar-se da lição que ensina como resultado da luta ferrenha pelo direito de sobreviver a partir do trabalho de ensinar.

Essencialmente o ensinamento consiste não na redução da vida a um único aspecto, por mais importante que seja. A questão hoje não é mais o professor que saiba tão só participar de uma greve, mas o professor que se proponha, com visão renovada, a realizar o seu trabalho em sala de aula; relacionar-se de diferente forma com seu próprio filho, com sua esposa ou marido, com sua namorada ou namorado, consigo próprio... Um sujeito-cidadão, pois que se constrói e se afirma num espaço geográfico, num tempo histórico, numa sociedade determinada, percebe-se ecológico, no sentido da qualidade da vida em sintonia e interação com o meio ambiente em que vive. Um sujeito necessariamente ávido e em constante indagação, pesquisador do mundo em transformações abruptas que obriga a si e aos grupos sociais a realizar movimentos ininterruptos de definição e construção de uma identidade própria, como condição para sobreviver.

Se o mundo do século 21, que já começou, é outro, com certeza a escola que temos já caducou! Aliás, nesta outra sociedade que se institui muito da antiga ainda se faz presente. A questão candente é como construir o novo a partir do que aí está, o velho. O sujeito impõe a si novo paradigma, novas formas de relação com o meio ambiente, com o trabalho, com o outro e consigo próprio”.

Agora, por ocasião desta nova edição do trabalho do Sérgio, aproveito a oportunidade desta resenha para acrescentar alguma coisa mais.

Trata-se do primeiro livro em Língua Portuguesa sobre a abordagem multirreferencial. Só por esta razão o livro de Sérgio Borba já merece destaque. Trabalhando concretamente no dia-a-dia da sala de aula e na formação dos futuros pesquisadores através de seus trabalhos de dissertação ou teses em programas de pós-graduação, estou convicto do quanto a abordagem multirreferencial se apresenta como proposta epistemológica de grande relevância, não só para uma interpretação “*de um modo um pouco mais rigorosa*” da complexidade, diversidade e pluralidade das práticas educativas, mas também para aqueles que não se perderam nem se enrijeceram nos labirintos do conhecimento endurecido, o olhar multirreferencial lhes permitirá pôr em prática uma relação educativa plural no sentido da possibilidade do exercício de uma cidadania-autora nos termos que apresento no trecho acima citado. Multirreferencial é, portanto, essa “pluralidade de linguagens” viabilizadora de um olhar complexo em sintonia com uma prática de relação pedagógica entre professor e aluno na qual ambos, exercitam todo o

tempo e através de todos os meios, a capacidade de se tornarem sujeitos, o que significa, aqui, a criação de sentido para si neste processo árduo de se fazer e de se instituir enquanto se realiza esta dramática travessia da opacidade cotidiana que ocorre na vida e onde a vida ocorre.

Nesse seu processo de apreensão e apresentação da abordagem multirreferencial, Sérgio Borba nos brinda com questões extremamente relevantes para o debate atual. Vou destacar três delas. Primeiro: Apresentação de conceitos fundamentais para a compreensão da multirreferencialidade, tais como: bricolagem, implicação, autorização que segundo Ardoino *“o fato de se autorizar, quer dizer, a intenção e a capacidade conquistada de tornar-se a si mesmo seu próprio co-autor, de querer se situar explicitamente na origem de seus atos e, por conseguinte, dele mesmo enquanto sujeito”*. Segundo: Um destaque para o tema da avaliação tratado na perspectiva qualitativa e mediadora. Para Sérgio Borba *“O avaliador é um mediador. Ele não observa simplesmente ou prescreve, porém faz a ligação entre os dois pólos de uma situação entre o aluno e a escola; entre o pesquisador e o campo de pesquisa; entre o instituído e o instituinte”*. Terceiro: Um destaque todo especial para o Jornal de Pesquisa, que, segundo Sérgio Borba, vai além do diário íntimo e a médio e longo prazo possibilita *“maior competência de escrita e de articulação dos nossos espaços de reflexão”*. Tenho feito uso do Jornal de Pesquisa tanto com alunos de graduação quanto de pós-graduação e ainda não encontrei recurso melhor no sentido de proporcionar ao formando e ao futuro pesquisador uma possibilidade de *“distanciamento, de articulação, reflexão, e perlaboração com relação ao vivido”*.

Neste trabalho de Sérgio Borba, o leitor não deve procurar por respostas definitivas; fechadas e acabadas. Não encontrará! É preciso que o leitor permita a si entrar em contato com o trabalho do Sérgio no sentido de “bricolagem”, “montagem”, “pintura”, “processo”... Um processo aberto que mostra o “até aqui” da caminhada do autor, mas que almeja mais, propõe despertar o leitor para o envolvimento e as implicações que estão presentes nas filigranas de seu próprio processo.

A melhor lição que este percurso reflexivo do Sérgio pode nos oferecer é nos conduzir a uma apreensão sensível de nosso próprio processo. A partir de multi-referências, sem rancor ou culpa, mágoa ou remorso, importa nos apercebermos de nosso próprio processo como histórico; tão “concreto” como se fosse possível tocá-lo; interpretá-lo; pesquisá-lo e olhá-lo de múltiplos ângulos até nos vermos imersos no próprio jogo multirreferencial de viver a vida.

Apresentação de Joaquim Gonçalves Barbosa, Professor da UMESP/SBC.